

Título: Sobre a aplicação terapêutica das artes visuais.

Palavras-Chave: Terapia; Arte-Terapia; Artes Visuais; Melancolia; Recriação.

É possível que o uso terapêutico dos artefactos artísticos remonte à pré-história, emergindo como extensão de funções primordiais a que a arte permanecerá associada, mormente a caça e a guerra. No texto homérico, alude-se às possibilidades da figuração artística considerando-a explicitamente como via de restituição dos poderes naturais ou divinos que animam o corpo individual e coletivo. A partir do período clássico, o serviço terapêutico mediado na imagem distribui-se em duas grandes valências. Uma, que aqui denominamos “interior” ou evocativa, consiste na possibilidade de transmitir um determinado sentimento ou intenção através da obra, apelando aos predicados do bom e do belo como restitutivos da ordem e perfeição. A outra, “exterior” ou representativa, rege-se pelo ideal da *mimesis*, ainda que, como mostrou J. Starobinski, o mesmo tenha sempre requerido uma mediação imaginativa complexa que visava transpor para a obra a força e a necessidade naturais. Esta vertente representativa prefigura também o uso diagramático da imagem como auxiliar dos próprios procedimentos médicos.

No período medieval as artes visuais, integradas nos rituais religiosos assumem também uma vocação curativa e/ou paliativa, convocando à meditação e ao exame de si, muitas vezes a partir da alegoria. Quer isto dizer que, em grande medida, esse extravasar do ideal estético, radicava numa homologia forte entre o narrativo e o figurativo, num processo de alegorização em que o meio visual era meramente ancilar da *curatio verbi*.

Dürer está no limiar entre um uso da imagem evocativa da restituição do *vinculum mundi* (por exemplo através da harmonização entre a constituição humoral e a ascendência astral do indivíduo) e a criação de novas técnicas e figuração e visualização que visam um exercício das faculdades com vista ao aprofundamento do conhecimento da subjetividade e da fortificação do carácter. As composições do artista de Nuremberga revelam uma suspensão da espontaneidade na interpretação dos signos. Mas mais do que suscitar uma perplexidade insuperável, as suas obras apontam para a viabilidade terapêutica do uso das imagens, primeiramente no âmbito de um humanismo que celebra os valores da *philia* e da *caritas*. Dürer foi profundamente influenciado pela tradição da pintura de paisagens que apelam à

identificação com as tribulações das personagens centrais, geralmente complementando uma narrativa hagiográfica instituída, por vezes figurada de modo sequencial. Contudo, vai além da exploração das potencialidades de imagens devocionais (e.g. ícones ortodoxos ou altares como o *Spiegel der Vernunft*) ou votivas (a conceção e uso de talismãs advogada por Ficino), convocando as faculdades a um exercício que parte da confrontação da obscuridade ou do enigma dos sinais. Ainda assim, prefigurando a discussão quanto às especificidades e valor da pintura frente às artes poéticas, Dürer fornece um *ductus* cognitivo autónomo que explora as especificidades do meio figurativo. Significa isto que, paralelamente ao reconhecimento do ato criativo e do seu produto como meios de cura ou consolo, sempre articulados com a contingência dos seus anseios e dificuldades -tal como evidenciado nos autorretratos como via de determinação e transformação da imagem de si-mesmo-, Dürer considera um alcance terapêutico mais vasto. E ainda que muita da vocação terapêutica esteja presente em grande parte das obras que lhe são comissionadas por Maximiliano I, afigura-se provável que o artista tenha projetado uma receção curativa mais abrangente das suas *Denkbilder*, em particular da *Melencolia I*.

O momento de Dürer é crucial pois a diferenciação da arte como meio de comunicação socialmente diferenciado tenderá a secundarizar o alcance terapêutico das obras bem como o contexto social, os rituais de visualização e os guiões para a sua interpretação curativa.

Nas últimas décadas multiplicaram-se as propostas de integração da arte na relação terapêutica, não só nos modelos psicoterapêuticos assentes na conversação, mas também nas diversas modalidades da intervenção médica convencional. Indo além da arte como complemento e de um paradigma da receção de obras consagradas, a chamada "Art Therapy" explora as possibilidades expressivas e comunicativas de diferentes âmbitos performativos com vista ao acesso, articulação e transformação das causas de distúrbios emocionais. A recriação emerge como a categoria que confere unidade este campo terapêutico difuso, passível de explorar as valências narrativa (psicodrama, terapia narrativa/storytelling), visual (mindfulness, desenho, pintura...) aural (musicoterapia) e performativa (dançaterapia, teatro aplicado...), remetendo para a possibilidade de o cliente (indivíduo ou grupo)

se envolver num processo criativo com alcance transformador, sem que lhe sejam requeridos quaisquer conhecimentos ou preparação artística prévios.

Na história da Psicanálise encontramos pistas quanto à viabilidade (e modo) de integração da arte na terapia. Os desenhos das crianças foram a via através da qual M. Klein acedeu aos aspetos mais primários da simbolização dos complexos familiares, dos conflitos inerentes ao processo de maturação e das experiências traumáticas. Ao invés de focar uma vertente meramente recetiva, tal modo de expressão orientada convoca, *in media res*, a atividade simbolizadora. Trata-se de uma criação no limiar entre a energia pulsional e a significação, fornecendo uma base a partir da qual é possível trabalhar a relação com os objetos interiorizados, tendo em conta as complexidades inerentes aos mecanismos de defesa e racionalização.

Nesta comunicação proponho entender como se institui e qual o destino do uso terapêutico da imagem, particularmente quando mobilizada para o diagnóstico e tratamento de síndromes melancólicos. Neste âmbito importa apurar em que medida tal uso implica a revisão de dois pressupostos. O primeiro é o da linearidade do cuidado terapêutico, em particular o paradoxo de o processo terapêutico não visar um reequilíbrio emocional simples, nem a mera supressão dos sintomas, mas parecer convocá-los para proceder ao seu "tratamento". O segundo pressuposto carente de revisão é o de que o artista exerceria uma influência direta no recetor da obra e desta dependeria o sucesso ou não das valências terapêuticas. Neste caso, importa saber se o vislumbre de um uso terapêutico de uma determinada obra é requerido na sua criação e, sendo-o, se o mesmo implica uma leitura ou interpretação estrita para ser eficaz. Adicionalmente, tendo em conta as propriedades atribuídas ao original, à singularidade de uma obra e à sua história, é também necessário esclarecer se, assegurado o contexto da sua receção e os guiões interpretativos, o seu potencial terapêutico sobrevive às suas reproduções em suporte idêntico ou distinto. Em caso afirmativo, é possível que a presença da obra seja requisito da sua interpretação, ainda que o modelo da emanação de propriedades conferidas pelo criador tenha sido inteiramente revisto.